



**UNIVERSIDADE ESTADUAL DA PARAÍBA
CAMPUS IV
CENTRO DE CIÊNCIAS HUMANAS E AGRÁRIAS – CCHA
CURSO DE LICENCIATURA PLENA EM LETRAS**

MARIA EDINA ALVES DA SILVA

**SEXUALIDADE FEMININA NO SÉCULO XIX: O caso de histerismo representado no
romance “A Carne” de Júlio Ribeiro**

**CATOLÉ DO ROCHA - PB
2014**

MARIA EDINA ALVES DA SILVA

SEXUALIDADE FEMININA NO SÉCULO XIX: O caso de histerismo representado no romance “A Carne” de Júlio Ribeiro

Trabalho de Conclusão de Curso, apresentado ao Departamento de Letras e Humanidades-CCHA/CAMPUS IV da Universidade Estadual da Paraíba, como requisito para a obtenção do grau de Licenciatura em Letras.

Orientadora: Profa. Ma.Sc. Marta Lúcia Nunes

.

CATOLÉ DO ROCHA - PB
2014

É expressamente proibida a comercialização deste documento, tanto na forma impressa como eletrônica. Sua reprodução total ou parcial é permitida exclusivamente para fins acadêmicos e científicos, desde que na reprodução figure a identificação do autor, título, instituição e ano da dissertação.

S586s Silva, Maria Edina Alves da
Sexualidade feminina no século XIX: [manuscrito] : o caso de
histerismo representado no romance "A Carne" de Júlio Ribeiro /
Maria Edina Alves da Silva. - 2014.
28 p.

Digitado.

Trabalho de Conclusão de Curso (Graduação em Letras) -
Universidade Estadual da Paraíba, Centro de Ciências Humanas e
Agrárias, 2014.

"Orientação: Profa. Ma. Marta Lúcia Nunes, Departamento de
Letras e Humanidades".

1. Histerismo. 2. Sexualidade. 3. Imagem feminina. I.
Título.

21. ed. CDD 306.7

MARIA EDINA ALVES DA SILVA

SEXUALIDADE FEMININA NO SÉCULO XIX: O caso de histerismo representado no romance "ACarne" de Júlio Ribeiro

Trabalho de Conclusão de Curso, apresentado ao Departamento de Letras e Humanidades-CCHA/CAMPUS IV da Universidade Estadual da Paraíba, como requisito para a obtenção do grau de Licenciatura em Letras.

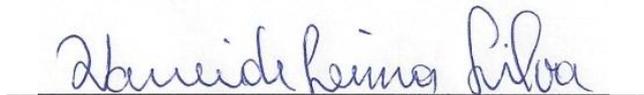
Orientadora: Profa. Ma.Sc. Marta Lúcia Nunes

Aprovado em: 26 de novembro de 2014.

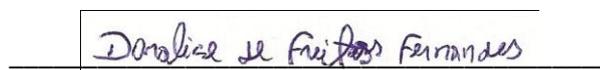
BANCA EXAMINADORA



Profa. .Ma. Sc. Marta Lúcia Nunes (Orientadora)
Universidade Estadual da Paraíba (UEPB)



Profa. Dra. Vaneide Lima Silva
Universidade Estadual da Paraíba (UEPB)



Profa. Ma.Sc. Doralice de Freitas Fernandes
Universidade Estadual da Paraíba (UEPB)

Aos meus pais, que não só me deram o privilégio da vida, mas que deram constantes exemplos de como bem vivê-la. Sempre me ajudando a enfrentar todos os obstáculos que se apresentaram no decorrer do curso, guiando-me com amor e dedicação.

DEDICO.

AGRADECIMENTOS

Primeiramente agradeço a Deus, que permitiu a realização deste trabalho. Que me sustentou e fortaleceu-me durante toda essa jornada, momentos nos quais pensei em desistir.

Aos grandes profissionais que fazem parte do curso de letras, UEPB, campus IV, por acreditarem que através da educação possam construir um futuro melhor e por contribuírem de forma significativa na minha formação acadêmica.

Ao Ir. Neto, pela força e incentivo, que resultou na construção deste trabalho.

Aos meus pais, Edione Alves da silva e Erasmo da silva, pelo apoio, incentivo, dedicação e ajuda.

A meu irmão querido José Edson Alves da silva, pelo carinho e apoio nos momentos que mais precisei.

Ao meu marido Clevis Fernando de Medeiros, pelo incentivo e compreensão pelos momentos ausentes que passamos no decorrer do curso, e ao nosso filho Thallysonkauã Alves de Medeiros, que através de sua existência deu-me forças para continuar os estudos.

A minha querida e estimada orientadora, Profa. Marta Lúcia Nunes, por toda dedicação e ensinamentos, os quais foram bastante significativos para a conclusão deste trabalho.

Aos meus amigos e colegas do curso, especialmente a Mônica e Dalteir, por todos os momentos inesquecíveis que passamos juntas, e a todos os professores que contribuíram para o meu conhecimento acadêmico e minha vida pessoal. E, enfim, a todos aqueles que contribuíram para mais um sonho realizado de forma direta ou indiretamente.

Portanto, deixo aqui meus sinceros agradecimentos.

Uma mulher abriga a causa do desejo de um homem: ela é, nessa medida, a vestimenta de sua fantasia.

Gérard Pommier.

SEXUALIDADE FEMININA NO SÉCULO XIX: O caso de histerismo representado no romance “A Carne” de Júlio Ribeiro

Maia Edina Alves Da Silva

RESUMO

O objetivo principal deste trabalho é analisar a sexualidade e o histerismo feminino representados na obra “A Carne” de Júlio Ribeiro, o qual se fundamentou nas temáticas da época como sexualidade, divórcio, histeria e o novo papel da mulher. O autor provocou várias polêmicas, devido o comportamento ousado da personagem Lenita por mostrar a luta entre as reações histéricas com a mente. Por ser um romance naturalista, mostra a realidade e a transformação da sociedade brasileira em detalhes minuciosos. De forma crítica, o autor descreve uma visão ampla e realda sociedade no século XIX, influenciada pelo modelo patriarcal, e construindo a imagem feminina como um ser frágil e submisso ao sexo oposto. Nesse sentido, fica evidente a soberania masculina, os quais eram considerados seres pensantes e chefe da família. Este trabalho foi realizado com base em um aporte metodológico, de cunho bibliográfico, especialmente centrado nas concepções de: Engel (2004), Soihet (1997), Alves & Pitanguy (1985), Moraes (1971), Candido & Castello (1985), Verona (2008), dentre outros. A análise do romance revela que o autor demonstrou ousadia em discutir temas considerados proibidos em uma época que se conservava a mulher como sagrada, induzindo para discussões sobre gênero, sexualidade e histeria e a quebra de preconceitos.

PALAVRAS-CHAVE: Histerismo. Sexualidade. Imagem feminina.

1 INTRODUÇÃO

Júlio Ribeiro (1984) argumenta que ao escrever a obra “A carne” se inspirou nas obras do príncipe naturalista Émile Zola, ao qual a obra foi dedicada. Tornou-se alvo de críticas por alguns autores da época, como por exemplo, Veríssimo que considerava a obra polêmica e pornográfica, pela a maneira como o autor publicou o romance que se apresenta em detalhes minuciosos e críticos utilizando temas inadequados para época. É através da ficção que o autor problematiza criticamente a realidade da mulher vista diante da sociedade do século XIX. Júlio Ribeiro conduz o leitor a ver uma relação entre a sociedade da época e o contexto literário na obra, envolvendo aspectos psicológicos, sociais, políticos e culturais. Abordando temas como amor, traição, sexualismo, histerismo e o novo papel da mulher.

O autor relata no período do século XIX, ocorreram vários movimentos como a ordem patriarcal, a escravatura e as desigualdades sociais. Esses movimentos ocorreram devido à presença de uma grande hierarquia, a qual impulsionava leis de comportamentos femininos, as desigualdades de direito entre os gêneros femininos e masculinos, consideravam o homem como ser pensante, ao contrário da mulher que era vista como frágil.

Esses aspectos acima citados serviram como objeto de reflexão e expressão para Júlio Ribeiro, o qual utilizou o romance “*A Carne*” para expandir aspectos envolvendo o corpo e comportamentos femininos ocorridos na época, onde a sociedade era obrigada a manter o silêncio, o principal foco do autor foi abordar a histeria. Com isso o autor mostra através do romance, a histeria da personagem Lenita em detalhes minuciosos, a qual apresenta novo papel da mulher, com conhecimentos acima da média do que era permitido para as mulheres da época e responsável pelos próprios atos.

O objetivo deste trabalho consiste em analisar marcas do histerismo da personagem Lenita na referida obra, devido apresentar atitudes anormais, como sentir prazer em ver os sofrimentos dos pássaros sendo despenados, escravos sendo maltratados e demais sensações animais.

Segundo Engel (2004) a histeria era considerada como uma doença que se apresentava em várias mulheres normais da época, a doença era diagnosticada devido o corpo feminino apresentar reações anormais, devido isso as mulheres históricas foram isoladas do convívio familiar e a sociedade era proibida de ter o acesso aos casos.

A motivação para a realização desta pesquisa se deve em aprimorar os comportamentos das mulheres brasileiras no século XIX, devido o silêncio e às proibições de se relacionar no meio social. Devido o processo de inferiorização, várias mulheres resolveram reivindicar pelos direitos de igualdade entre gêneros. A primeira mudança do papel da mulher diante da sociedade oitocentista ocorreu quando as famílias burguesas chegaram ao Brasil; onde os homens precisavam da imagem feminina nas reuniões para facilitar os negócios financeiros.

Este trabalho está dividido em três tópicos. O primeiro tópico está relacionado à sexualidade feminina no século XIX, discutindo a forma de como as mulheres eram vistas na sociedade, as quais eram compreendidas como símbolo de respeito

das famílias, as quais os pais omitiam o casamento como se fosse o meio certo para terem o respeito da sociedade.

O segundo tópico aborda o histerismo, considerada pela medicina como doença, a qual acometia muitas mulheres da época, por serem bloqueadas a expressar os próprios sentimentos, alterando assim o sistema nervoso, ocasionando alucinações, ânsia de vômito e demais sintomas, provocando na maioria das vezes a morte.

O terceiro tópico se desenvolve sobre o estilo literário naturalista exposto no romance “*A Carne*” de Júlio Ribeiro, o qual mostra o naturalismo em detalhes minuciosos, provocando polêmicas e críticas de vários autores da época, como é o caso do autor Veríssimo, o qual criticou o autor e o romance devido à forma de escrita apresentada no romance. Analisando a obra, procuramos apresentar o histerismo da personagem representado de maneira detalhada no romance e suas características pessoais e profissionais de representação de uma nova mulher com concepções própria e estudada, ao contrário de algumas mulheres da época.

O nosso discurso será vinculado ao cunho bibliográfico, para isso, recorreremos a diversos autores para concretizar e aprimorar nossas reflexões e pensamentos, como Engel (2004), Soihet (1997), Alves & Pintanguy (1985), Moraes (1971), Candido & Castelo (1971), Verona (2008), dentre outros.

2A SEXUALIDADE FEMININA NO SÉCULO XIX

A preocupação da sociedade em relação à sexualidade feminina sempre esteve presente em diversas organizações sociais, que impuseram regras comportamentais em relação ao posicionamento da mulher diante da sociedade.

A sociedade patriarcal, ao mostrar dominação em relação aos comportamentos das mulheres, obteve o poder de deixar para os homens o direito de atribuir níveis de pensamentos e argumentações inferiores aos seus, mantendo-a ao silêncio sobre todos os acontecimentos ocorridos na sociedade. As quais eram submetidas a ser discretas com a exposição do corpo e com seus pensamentos, para assim alcançar o modelo de comportamento perfeito proposto pela sociedade patriarcal.

As mulheres casadas tinham que se privar do prazer, permitido apenas no momento da procriação, caso contrário desviavam-se do caminho certo proposto pela sociedade; as viúvas tinham que desviar o prazer de se relacionar com outro homem, e as virgens deviam permanecer na pureza até o dia do casamento. Com isso pretendiam prevalecer no comando, pois as consideravam como seres imaturos e frágeis.

A castidade da alma das virgens, das viúvas e das mulheres casadas é diferente porque é diferente a castidade dos seus corpos: um corpo desde sempre puro permite às virgens uma adesão total à vida do espírito, que se mantém objetivo mais ou menos longínquo para as viúvas e as casadas, cujo corpo, entretanto marcado pelas exigências da carne, trava ou afrouxa a tensão da alma para o alto. (CASAGRANDE, 1990, p.112)

Schmitt-Pantel (2003) argumenta que a sociedade oitocentista definia o papel feminino como tentador, devido algumas mulheres usarem a sexualidade para seduzir homens, os quais se deixavam levar pelos próprios desejos carnis. Com isso a Igreja propôs a imagem da mulher como a reprodutora da imagem de Eva¹ que permitiu a entrada do pecado no mundo, por seduzir e conduzir Adão a comer o fruto proibido, levando assim a cometer o pecado original.

Dessa forma, tanto as mulheres casadas quanto às solteiras não podiam expressar seus sentimentos, suas pretensões de realizar algo, mantendo sempre tudo em sigilo. Quanto às solteiras, a sociedade exigia que se casassem, e cabia ao pai, como chefe de família, procurar um marido ideal para suas filhas, as quais precisavam aceitar a imposição do casamento e da escolha do marido feita pelo pai, pois de acordo com Soihet (2004, p. 368): “A preocupação com o casamento crescia na preocupação dos interesses a zelar”.

Os pais tinham a preocupação de zelar pelo nome da família diante da sociedade; além disso, o casamento também representava uma garantia de amparo social, moral, financeiro, etc. Dessa forma, era através do casamento que as mulheres, principalmente as brancas, que vinham de um convívio familiar

¹ Eva - nome de personagem bíblico retratada no livro de gênesis no antigo testamento, como a primeira mulher da humanidade criada por Deus a partir da costela de Adão para preencher sua solidão. De acordo com a bíblia, Eva vivia com Adão no jardim do Éden, a serpente sendo espírito do mal enganou Eva para comer o fruto proibido por Deus, para não cometer sozinha o pecado seduziu Adão a comer o fruto com ela com isso tomaram conhecimento entre o bem e o mal, que resultou a expulsão de ambos do paraíso e se tornaram mortais. Esse ato ficou conhecido até hoje como pecado original. <http://www.dicionariodenomesproprios.com.br>. acesso em 03 de Novembro de 2014.

tradicionalista e de nível econômico elevado, tinham o dever de adotar comportamentos exemplares que estivessem dentro dos padrões de concepção da sociedade, o que as diferenciava das mulheres mestiças, negras e até mesmo das mulheres brancas que viviam desprotegidas pelo fato de não serem casadas, vivendo sujeitas à exploração sexual.

Outro aspecto que diferenciava as mulheres do século XIX, era a questão da linguagem, pois as mulheres casadas adotavam uma linguagem comedida, respeitosa, já as que não conseguiam o amparo legal do casamento eram mais rústicas e sempre desvalorizadas diante da sociedade, pelo fato de serem procuradas e encontradas em casas de prostituição por homens casados, para satisfazer assim seus desejos carniais, sempre quando quisessem de forma brusca e sexual, preservando o papel da mulher com a qual era casado. Os homens tinham a liberdade de realizarem seus desejos por estarem no poder.

Podemos constatar que diante da sociedade a sexualidade feminina passou a ser delimitada como pecado moral, uma infração às leis sociais, portanto as mulheres que demonstrassem asexualidade em público e não aceitassem a procriação podiam “levar ao desagregamento da família burguesa e, conseqüentemente, a um possível rompimento das regras instituídas como responsáveis pela organização sociopolítica da sociedade.” (DURIGAN, 1985, p.20). Dessa forma a mulher era comparada a um objeto pertencente ao poder patriarcal, pois era completamente submissa a cumprir ordens e ser serva da família.

É interessante ressaltar que o discurso e a prática do sexo fora do casamento foram considerados no século XIX como atos obscenos e pornográficos, pois se tratava de uma sociedade tradicionalista e cheia de escrúpulos. Pois, “a liberdade sexual das mulheres populares parece confirmar a idéia de que o controle intenso da sexualidade feminina estava vinculado ao regime de propriedade privada.” (SOIHET, 2004, pag.368). Diante das concepções da sociedade na época, a mulher tinha que ter o controle de seus próprios sentimentos sexuais, não os deixando expostos através de seus atos, ou seja, tinha que se manter preservada de seus sentimentos.

PINTO (2003) afirma que devido ao processo de inferiorização em relação aos homens, muitas mulheres começaram a se sentir incomodadas e resolveram reivindicar seus direitos através de movimentos feministas em relação à liberdade de comportamento diante da sociedade, quebrando assim o silêncio e a libertação da sexualidade.

Nesse sentido, o movimento ficou conhecido por três momentos: o primeiro aconteceu no fim do século XIX, foi motivado por meio de reivindicações pelo direito democrático, como o voto, o divórcio, a educação e o trabalho, liderado por Bertha Lutz. O segundo foi o divórcio e a liberdade sexual, impulsionada pelo aumento dos contraceptivos e a educação defendida por mulheres cultas. E o terceiro começou a ser constituído no fim dos anos 70, com a luta pelo caráter sindical.

Alves & Pitanguy também afirmam que o século XIX foi um período de modernização e transformação caracterizado pelos movimentos reivindicatórios e revolucionários. Baseado nas teorias socialistas, o sistema capitalista visa à condição da mulher como algo pertencente à relação de exploração na sociedade de classe.

Nesse período se destacaram dois autores: Friedrich Engels ²que se baseava em casos familiares e na inferiorização da mulher e sua vida privada a qual era sujeita ao casamento e a vida era mantida em silêncio para ter como garantia a herança; e August Bebel ³que diante dos argumentos de Engels, relaciona a relação privada da mulher com o sistema capitalista quando “o poder de uma classe sobre a outra terminará e, com ele, terminará também o poder do homem sobre a mulher.” (ALVES & PITANGUY, 1985, p.41)

Os referidos autores denunciam que a desigualdade se deriva através da inferioridade natural da mulher encontrada nos fatores biológicos, pelo fato de sempre estarem em estados opostos homens e mulheres devido ao seu status de natureza, onde o homem pertence ao mundo superior e a mulher ao inferior, essa desigualdade equivale a uma hierarquia que estabelece o homem na posição de mando. A desigualdade entre gêneros está mais presente nos critérios sociais do que mesmo biológico.

O “masculino e o “feminino” são criações culturais e, como tal, são comportamentos apreendidos através do processo de socialização que condiciona diferentemente os sexos para cumprirem funções sociais específicas e diversas. (ALVES & PINTANGUY, 1985, p.55)

Portanto, as desigualdades entre gêneros são de certa forma aprendizagens construídas através dos meios sociais, os quais ensinam e nos fazem aceitar como

² Friedrich Engel – sociólogo cuja obra “A Origem da Família, da propriedade privada e do estado.”

³ August Bebel – sociólogo cuja obra “A mulher sob o socialismo.”

natural este estilo de convivência, pois tanto a menina quanto o menino aprendem suas atitudes comportamentais através do meio cultural no qual estão inseridos.

Várias mulheres do século XIX lutaram contra o preconceito social em relação as suas atitudes, podendo recriar novas identidades femininas, mudando assim o nível cultural da sociedade, passando a ser vista como um ser igual ao homem, tendo o direito de ajudar e a complementar algo e não dominar, obtendo total direito ao diálogo.

Dessa forma, Butler (2003) afirma que Wittig produziu o eco da frase de Beauvoir “A gente não nasce mulher”, Witting argumenta que não precisamos separar sexo e gênero, pois o sexo traz marcas para o gênero. Nesse sentido, a lésbica não é uma mulher devido à posição binária a qual se relaciona, sendo assim, a lésbica é resultante de uma heterossexualidade, pois a oposição de gênero é entre homem e mulher. “[...] a pessoa não nasce mulher, ela se torna mulher; e mais, que a pessoa não é do sexo feminino, torna-se feminina; [...]” (BUTLER, 2003, p. 164).

Portanto, o sexo é imutável, ao passo que o gênero é adquirido através do meio social sem afetar o sexo, pois somos todos seres sexuados nascemos com sexo o qual qualifica o ser humano “feminino e masculino”, mas não conceitua o gênero do indivíduo.

Para a sociedade patriarcal a mulher era um ser incompleto e reprodutor, dessa forma, a virgindade era bastante valorizada por todos da época. Sendo assim, aquela que não fosse virgem era discriminada e sofria preconceitos. As mulheres casadas eram submissas às orientações governamentais durante o nazi-fascismo que propôs a procriação das mulheres, as quais eram impedidas de adquirir orientações sobre a prevenção. Desse modo “a mulher, ao viver em função do outro, não tem projeto de vida própria; atuando a serviço do patriarcado, sujeitando-se ao protagonista e agente da história: o homem”. (BEAUVOIR 1980) *apud* (SOIHET 1947, p. 61)

Nesse sentido, Soihet (1947) afirma que a sociedade do século XIX, abriu as portas dos sobrados para transformá-los em salões luxuosos onde aconteciam as reuniões sociais, e as mulheres burguesas tiveram papéis importantes nessas reuniões, pelo fato de ostentarem as posições e as condições sociais dos maridos, através do estilo elegante de se comportar e se vestir, facilitando os negócios de seus maridos para se manterem em cargos políticos e econômicos.

Com isso, a vida de muitas mulheres passou por transformações, resultando na liberdade do diálogo e na participação no meio social.

Em virtude disso, o movimento feminista reivindica através de denúncia a manipulação corporal sofrida como objeto de consumo, a desvinculação de reprodução, deixando livre a opção da maternidade, considerando o sexo como algo prazeroso, obtendo o direito de orientações sobre a prevenção sexual e ao aborto livre e a violência contra as mulheres, reivindicações realizadas em todo o país.

A proposta do movimento feminista não é a utilização do aborto como método contraceptivo, e sim como ultimo recurso ao qual as mulheres devem ter seu direito assegurado, no sentido de garantir que a maternidade seja o resultado de uma opção consciente e não de uma fatalidade biológica.(ALVES & PITANGUY,1985, p.61)

Com isso, podemos perceber que o movimento feminista vem lutando para conseguir seus direitos, quebrando o pensamento da sociedade em relação ao poder dos homens sobre as mulheres, mas sabemos que ainda hoje existem algumas pessoas que têm essa ideologia preconceituosa, devido a esse tipo de pensamento que, em alguns países, essas e outras lutas foram concretizadas totalmente, mas infelizmente em outros lugares ainda estão em lutas para essa concretização.

Podemos ressaltar que através de grandes lutas realizadas, surge uma nova mulher com uma vida social e sexual ativa. Essa nova mulher delimitada pelo processo de modernização tem seu corpo disponível para as conquistas do marido, não deixando de se preocupar com as concepções da sociedade mesmo que seja aparentemente, a fim de se manter o reconhecimento moral diante da sociedade.

2.1 Breves apontamentos sobre histeria

O termo histeria, segundo o dicionário Aurélio⁴, designa psicopatia cujos sintomas se baseiam em conversão. É caracterizada por falta de controle sobre atos e emoções, ansiedade, sentido mórbido de autoconsciência, exagero do efeito de impressões sensoriais, e por simulação de diversas doenças.

⁴ Novo dicionário Aurélio de língua portuguesa, 3ª edição, positivo, 2004.

Para Engel (2004, p. 346), a histeria consiste na:

[...] exacerbação de traços tradicionalmente atribuídos à mulher normal: fraqueza de vontade, hipersensibilidade, emotividade, imaginação desregrada, incapacidade de esforços acurados do pensamento, predomínio dos reflexos sobre a reflexão e o juízo, vaidade, leviandade, sugestibilidade.

Nesse sentido, alguns médicos do século XIX conceituam através de estudos que a histeria é uma doença mental encontrada em várias mulheres, causada pelo útero com reações animais incontroláveis, devido à mulher ser frágil, delicada, etc. As reações são encontradas em mulheres ansiosas, assustadas, com múltipla personalidade, confusão mental, etc.

Sendo assim, a imagem feminina é bastante delimitada nessa época por associá-la com a natureza, já que as leis qualificaram as mulheres naturalmente como seres frágeis, doces, submissas, etc.

Aquelas que se encontrassem com aspectos diferentes de estilos ou com comportamentos anormais eram consideradas como seres antinaturais; os homens eram associados como seres cérebros por terem conhecimento científico e biológico. Eram identificados através de suas culturas, todos deveriam ter conhecimento superior em relação às mulheres para assim terem total domínio e responsabilidade da família.

Nesse sentido, a sociedade impôs uma visão completamente ambígua do ser feminino, pois mostrava a mulher como misteriosa e imprevisível em seus atos, evidenciando assim as diferenças entre gênero e atitudes representadas diante da sociedade.

Um dos mistérios para a sociedade da época era o corpo feminino e suas reações anormais presentes no período menstrual, na gravidez e em várias fases da vida, que tanto médicos e alienistas⁵ quanto a sociedade consideravam como histerismo, reação vista como perigosa para indivíduos que estivessem próximos da histórica.

⁵ Alienista, estudava tratamentos para os alienados no século XIX.

Vários casos de histerismo foram bastante estudados e dialogados entre médicos, alienista, psiquiatras a fim de encontrar a cura e os motivos que causavam reações assustadoras nas mulheres da época.

Diante dessa problemática, estudiosos obtiveram vários pontos de estudos sobre o corpo feminino, tendo como ponto de partida a menstruação, pois causava um corpo inquietante, aparecendo desde a adolescência até a vida adulta, na maioria das vezes, chegava a causar a morte de muitas mulheres.

Nessa perspectiva, Engel (2004, p.334) afirma:

O início e o fim do período menstrual seriam, frequentemente, considerados como momentos extremamente propícios à manifestação dos distúrbios mentais. As características do ciclo catamenial abundante, escasso ou ausente – Apareciam aos olhos dos especialistas como indícios fundamentais de alienação mental.

Dessa forma, Engel considera que as reações anormais encontradas no corpo feminino se apresentam no início e no fim do período menstrual. Com isso vários estudos foram desenvolvidos com intuito de encontrar as causas das reações.

Portanto, alguns estudiosos da época, diante de vários casos de mulheres históricas, constataram que os sintomas se apresentavam com mais frequência no período da gravidez, no momento do parto ou até mesmo no pós-parto.

Assim, propuseram através de linhas de pesquisas casos de mulheres históricas com o intuito de encontrar a cura. Alguns médicos constataram que a melhor forma de prevenir a doença era através da maternidade, pelo prazer de sentir o leite maternal saindo das veias mamárias.

A natureza, providente, teve a sabedoria de colocar o prazer, onde o exercício de uma função é indispensável à vida e à dor quando suas leis são desprezadas. A mãe que cria sente correr com delícia o leite através dos canais que o devem levar à boca de seu filho; como no ato da reprodução ela tem muitas vezes eretismo, voluptuosidade: basta somente que ele lhe estenda os ternos bracinhos para que os seus seios se ingurgitem e que o leite seja ejaculado com força. (ENGEL, 2004, p. 342)

Dessa forma, estudiosos levaram a sociedade a acreditar que a maternidade era uma essência de salvação para aquelas mulheres da época que se encontrassem no quadro de histerismo, pois fazia parte de sua natureza feminina. Com isso, muitas mulheres, com o incentivo de alguns médicos, buscavam a

libertação da doença mental através da amamentação. Mas já aquelas que optassem para não exercer o instinto maternal eram condenadas à doença que levaria conseqüentemente à morte.

Diante de vários casos e tipos de histeria, estudiosos desenvolveram métodos através do aparelho genital da mulher com intuito de controlar os distúrbios mentais, propondo métodos extremamente rigorosos com objetivo de controlar os casos histéricos.

Sendo assim, foram aplicados pelos especialistas métodos rigorosos e cruéis de tortura para mulheres que se encontrassem com crises histéricas, como por exemplo, a aplicação de gelo na vagina visando provocar o gozo com facilidade e tranqüilizar a mulher em crise nervosa através da sensação gelada que ocasionava o alívio do ardor corporal e a tranquilidade mental.

Com o passar do tempo, os métodos foram amenizando o processo de lidar com o histerismo; médicos e alienistas passaram a estudar processos diferentes de enfrentar esses casos acontecidos com mulheres normais da época.

A histeria é ocasionada por vários fatores, variando de acordo com a convivência familiar ou social. A histeria é causada devido à ausência ou difícil acesso à vida sexual, o que possibilitou muitas mulheres cometerem atos anormais, como a masturbação constante que causou vários abortos, o adultério, dentre outros.

Podemos ressaltar que as reações do histerismo presente em algumas mulheres não ameaçavam os seus papéis sociais, mentais e morais se estivessem em seu leito conjugal, grávida ou amamentando, pois estariam com características normais de mulheres saudáveis, ou seja, somente as mulheres grávidas ou amamentando podiam apresentar sintomas histéricos, não sendo assim consideradas como doentes mentais ou histéricas. Portanto, médicos dispensaram o ato sexual na época por acreditarem que a existência do gozo poderia acontecer através da amamentação.

Já os autores Breuer e Freud (1893) conceituam através de estudos que os sintomas da histeria se apresentam de forma espontânea no sistema nervoso do ser humano, tornando assim casos com produtos idiopáticos da histeria, causados devido a traumas resultantes da vida cotidiana. Portanto, para encontrar a cura de mulheres histéricas, os autores adotaram o método do hipnotismo, fazendo com que

suas pacientes voltassem no tempo para poderem se lembrar do início das reações constrangedoras, tornando o processo claro e conveniente.

Nesse sentido, o método da hipnose, de ambos os autores acima citados, foi abordado em vários casos traumáticos de histeria causados por traumas na vida pessoal dos pacientes, cujos sintomas apresentados da doença eram contraturas e paralisia, ataques histéricos e convulsões epiléticas, perturbações como tiques, vômitos e alucinações. Esses sintomas são acarretados devido ao isolamento de sentimentos, causando as neuroses traumáticas.

Breuer e Freud (1893, p.22) citam um dos casos de histeria estudado por eles:

A mãe de uma criança muito doente, que finalmente adormecera, concentrou toda sua força precisamente por causa da sua intenção produziu um ruído de 'estado' com a língua. Esse ruído se repetiu numa ocasião subsequente em que ela desejava manter-se perfeitamente imóvel tendo dele surgido um tique que sob a forma de um estalido com a língua. Ocorreu um período de muitos anos sempre que ela se sentia excitada.

Segundo as concepções dos autores, o estalo da língua da paciente acima citada era resultante traumática, quando sentia ansiedade por algo e medo.

2.2 Naturalismo e figura feminina na obra de Júlio Ribeiro

O Naturalismo surgiu no Brasil com a publicação de "*O Mulato*" de Aluísio Azevedo, em 1882. O qual apresenta a realidade detalhada da sociedade como as reações comportamentais dos indivíduos, construídas através do meio social.

Vários escritores buscam através da ficção, representar estudos fazem parte da biologia, psicologia e sociologia, procurando assim discutir problemas da sociedade na época.

Candido & Castello conceituam o naturalismo como:

O tipo de realismo que procura explicar cientificamente a conduta e o modo de ser dos personagens por meio dos fatores externos, de natureza biológica e sociológica, que condicionam a vida humana. [...] os escritores não hesitaram em sublinhar o efeito das taras, das doenças, dos vícios, na formação do caráter _ juntando-lhes os efeitos complementares da formação familiar, da educação, do nível cultural. (CANDIDO & CASTELLO, 1985, p. 286)

Nesse sentido, o naturalismo surgido na segunda metade do século XIX representa a sociedade em transformação. Sendo assim, Júlio Ribeiro provocou a sociedade com a publicação da obra “*A Carne*”, expandindo a transformação da figura feminina através da personagem Lenita, ocasionando críticas de vários autores e leitores. Moraes (1971, p.127) argumenta que: “[...] a verdade é que, para a época, constituiu um desafio tanto no espírito da história como no descritivo das cenas.”

De acordo com os argumentos de Moraes (1971), Júlio Ribeiro inquietou a sociedade da época devido ao comportamento da personagem que se contrariava com a imagem da mulher na época e descreveu com detalhes a doença que era bastante preservada diante da sociedade, expandindo, assim, a verdadeira realidade feminina.

Júlio César Ribeiro Vaughan (1845-1890) era filho do norte-americano, da Virgínia, George Washington Vaughan e da professora Brasileira Maria Francisco Ribeiro Vaughan. Ficou conhecido literariamente como Júlio Ribeiro se destacou no naturalismo com o romance “*A Carne*” publicada em 1888. Foi o primeiro que batalhou sozinho pelo abolicionismo e pela República, destacando-se como papel importante devido ao seu trabalho com artigos publicados na imprensa; logo depois de proclamada a República, o qual foi nomeado como lente da retórica do instituto de educação secundária de São Paulo. (RIBEIRO, 1984).

O autor não se delimitou em mostrar criticamente as culturas e os costumes da família patriarcal, a qual influenciava a sociedade e servia de modelo de pensamento. Sendo assim, a obra pertencente ao período naturalista que representa a verdadeira sociedade da época, cujo autor teve como objetivos despertar a sociedade oitocentista em ter seus próprios pensamentos e atitudes por meio da leitura.

Foi célebre também devido à polêmica que o padre Sena Freitas fez ao ler a obra “*A carne*”, vinculado nos meios literários de São Paulo. O padre Sena Freitas “escreveu no Diário Mercantil um artigo com o título ‘A carniça’, atacando violentamente o romance de Júlio Ribeiro. Em defesa da obra ‘A carne’ Júlio Ribeiro publicou um artigo ‘urubu’, pois fareja a carniça.” (RIBEIRO, 1984, p. 12). Depois de vários ataques e defesas, ambos os artigos foram resumidos em único volume sob o título “Uma polêmica célebre”.

Júlio Ribeiro dedicou a Émile Zola sua obra polêmica e alvo de grandes críticas, visada do título até a contextualização final, por ter servido de influências para a construção da obra “*A Carne*”, acarretando assim o impacto da sociedade por abordar temas, como o divórcio, amor livre e o novo papel da mulher. “Mas ainda assim no nosso refinado naturalismo sectário, é um livro que merece ser lembrado e que, com todos os seus defeitos, seguramente revela talento.” (VERÍSSIMO, 1998, p.372). Com isso, o romance foi considerado pornográfico por grande parte da sociedade e, conseqüentemente, a sua comercialização foi proibida; mas, mesmo assim, alguns ainda obtinham a leitura do romance em lugares reservados.

Alguns leitores ao ler o romance sentiam-se divididos entre a beleza natural e o julgamento moral do sexo, tendo como narrador onisciente, por observar o meio social devido habilitar e proporcionar os fenômenos sociais e comportamentais do ser humano retratado pela personagem principal. Nessa perspectiva, Lenita possibilita a destruição e o desequilíbrio da figura feminina através da literatura, mostrando ser determinada em seus atos, não se importando com o olhar da sociedade. “A medida, porém que a mulher aspire à atuação no âmbito público, usurpando os papéis masculinos, transmuta-se uma força do mal e da inflexibilidade, dando lugar ao desequilíbrio da história.” (MICHELET, 1981) *apud* (SOIHET, 1997, p.58).

Segundo Moraes (1971), a obra foi de grande impacto, tanto no meio social como na literatura, o qual critica de forma consciente, assumindo que tanto o texto como o autor têm seus defeitos, mas também tem suas qualidades visando os aspectos pertencentes ao estilo do naturalismo.

O livro naturalmente tem exageros e defeitos como criação romanesca, mas de tal modo ligou-se ao advento do naturalismo entre nós que ninguém pode desconhecer a sua importância, não apenas histórica, mas também literária, pois influenciou de certo modo o romance naturalista brasileiro. Se teve grandes detratores, teve também defensores, e ninguém pode negar que até hoje seja lido e que tenha conquistado um lugar na ficção brasileira. (MORAES, 1971, p.130)

Diante da sociedade oitocentista a obra era considerada como um desafio tanto na história como nas descrições das cenas, pois a personagem, sendo uma moça rica e inteligente quebra com um dos tabus da rígida moral patriarcal, devido

se apaixonar por um homem mais velho e divorciado, provocando assim a sociedade.

A personagem Lenita é uma moça bem sucedida que representa o novo papel da mulher que começava a se constituir no Brasil, pelo fato de ter o mesmo nível de conhecimento igual aos homens da época. Era uma mulher que se conceituava fria em seus atos, até chegar o momento em que perdeu os pais se sentindo solitária, e assim, para amenizar a solidão se aproximou a natureza despertando afeminidade sexual que estava oculta. O autor caracterizou a personagem no romance da seguinte forma:

Moreno-clara, alta, muito bem lançada, tinha braços e pernas roliças, musculosas, punhos e tornozelos finos, mãos e pés aristocraticamente perfeitos, terminados por unhas róseas, muito polidas. Por sob os seios rijos, protraídos, afinava-se o corpo na cintura para alargar-se em uns quadris amplos (...) os cabelos pretos com reflexões azulados caíam em franjinhas curtas sobre a testa indo frisar-se lascivamente na nuca. O pescoço era proporcionado, forte, a cabeça pequena, os olhos negros vivos, o nariz direito, os lábios rubros, os dentes alvíssimos; na face esquerda tinha um sinalzinho de nascença, uma pintinha muito escura, muito redonda. (RIBEIRO *apud* MORAES, 1971, p.128)

Na concepção de Moraes, Lenita é uma personagem heroína bastante forte na ficção naturalista, que ainda hoje é lembrada através dos hábitos de leituras constantes de leitores que se interessam sobre a obra. Ao contrário de várias outras personagens que se aproximam das características comportamentais de Lenita e obras que hoje foram praticamente esquecidas no contexto literário.

Diante das leituras realizadas, podemos observar que a literatura Naturalista estuda aspectos que fazem parte do meio social, como os problemas psicológicos do indivíduo. A obra Naturalista brasileira contém a linguagem simples, direta e detalhada, são esses aspectos que fazem diferenciar o Naturalismo do Realismo. É de certa forma o Realismo reforçado.

2.2.1 O histerismo da personagem Lenita

Segundo Ribeiro (1984) A história de Lenita inicia quando ainda era pequena. Ficou órfã de mãe, e o pai para criar e educar a filha se afastou da cidade, onde lhe

ofereceu em casa ensinamentos altamente avançados, diferente do modelo de ensino proposto para as mulheres da época, o que tornou Lenita muito inteligente.

Leitura, escrita, gramática, aritmética, álgebra, geometria, geografia, história, francês, espanhol, natação, equitação, ginástica, música, em tudo isso Lopes Matoso exercitou a filha porque em tudo era perito: com ela leu os clássicos portugueses, os autores estrangeiros de melhor nota, e tudo quanto havia de mais seleta na literatura do tempo. (RIBEIRO, 1984, p. 24)

Devido à personagem ter conhecimento sobre a realidade da época, em relação ao comportamento da mulher, ignorou os homens e o casamento, o pai da personagem assume que passou dos limites, em propor conhecimentos elevados para a filha além do que era permitido para as mulheres da época. Podemos ver essa passagem, através do diálogo entre Lenita e o pai no início do romance:

_ Sabes que mais? Estou convencido de que errei e muito na tua educação: dei-te conhecimento acima da bitola comum e o resultado é ver-te isolada nas alturas a que te levantei. O casamento é uma necessidade, já não digo social, mas fisiológica. Não achas, de certo, homem algum digno de ti?

- Não é por isso, é que ainda não sinto necessidade do casamento. Se eu sentisse, casar-me-ia.

- Mesmo com um homem medíocre?

-De preferência com um homem medíocre. Os grandes homens em geral não são bons maridos. Demais, se os tais senhores grandes homens escolhem quase sempre mulher abaixo de se, por que eu que, na opinião de papai, sou mulher superior, não faria como eles, escolhendo marido que me fosse inferior?(RIBEIRO, 1984, p. 25)

Quando o pai de Lenita estava morrendo, pediu para o padrinho levá-la para morar como ele e a mulher na fazenda. Devido à solidão, Lenita começou a apreciar tudo que estava ao redor, até mesmo uma estátua de um gladiador que se chamava Borghese; ficava admirada olhando as curvas da estátua. Com o seu conhecimento científico adquirido através das leituras, tornava-se uma espécie de modificador de conduta da personagem, para então controlar seus instintos, quando o desejo aparecia sempre colocava a intelectualidade entre o corpo e a mente.

Em um dos passeios pela mata se deparou com um lago, e ao entrar na água ficava nadando de um lado para outro, gritando de prazer imaginando eroticamente

com o gladiador expressando todo seu desejo sexual que antes havia controlado desejo esse que lhe faz sentir fraca com a imagem do gladiador em mente lhe fazendo revelar o prazer de se sentir feminina.

Nesse sentido, o desejo da carne toma conta do corpo e da mente da personagem, e é a partir do banho no lago na travessia que acontece a transformação de Lenita. Ao tirar a roupa fica admirando o próprio corpo, se sentindo mulher, incitada pelo erotismo mostrando assim o prazer que sente ao se ver despida. Lenita transforma seu corpo num objeto de prazer que lhe faz desejar o ardor e a satisfação do próprio corpo. Então nos faz entender que é do legítimo naturalismo que acontece a transformação da personagem.

Como mostra Ribeiro (1984, p.39),

Acocorou-se faceiramente, assentou a nádega direita sobre o joelho esquerdo erguido, lembrando, reproduzindo a posição conhecida da estátua de Salona, da *Venus Accroupie*.

Esteve, esteve assim muito tempo: de repente deu um salto, atufou - se na água, surgiu, começou a nadar.

O lago era profundo, mas estreito. Lenita ia e vinha de uma margem para a outra, do paredão ao açude, do açude ao paredão. Passava por sob o jorro e dava gritos de prazer e de susto ao choque duro da massa líquida sob o seu dorso acetinado.

O histerismo de Lenita era representado através de desejos anormais, quando sentia o prazer ardente em beliscar as criolinhas, despenar pássaros e quebrar as pernas, em ver um negro escravo sendo castigado sentindo a vibração do seu corpo e o prazer no seu sorriso cruel se encontrava uma mulher fria em seus atos. Como podemos ver no trecho abaixo:

Ficara cruel: beliscava as criolinhas, picava com agulhas, agiu e mordeu-a. em outra ocasião pegou num canário que lhe entrara na sala, quebrou-lhe e arrancou-lhe as pernas, desarticulou-lhe uma asa, soltou-o, rindo de prazer íntimo ao vê-lo esvoaçar miseravelmente com uma só asa.

[...]

Folgava imenso com a ocasião talvez única que se lhe apresentava, comprazia-se com volúpia estranha, mórbida na idéia das contrações de dor, dos gritos lastimados do negro misérrimo que não havia muito lhe despertara a compaixão.

[...]

Lenita sentia seu corpo espasmo de prazer, sacudido, vibrante; estava pálida, seus olhos relampejavam, seus membros tremiam. Um sorriso cruel, gelado, arregaçava-lhe os lábios, deixando ver os dentes muitos brancos e as gengivas rosadas (RIBEIRO, 1984, p. 48 – 52).

É importante lembrarmos que a transformação no comportamento da personagem aos 22 anos de idade, a qual conservava a virgindade, pois não pretendia construir família, pensamento que não era comum para moças daquela época. A sociedade tinha a visão que mulher nascia, crescia e se casava, mas seu corpo estava necessitado da companhia masculina para suprir suas carências corporais, ou antes, uma necessidade psicológica.

As reações animais da personagem somente foram amenizadas com a chegada de Barbosa, filho do coronel, quando começou a sentir o desejo sexual ao se aproximar de Barbosa; sentia algo que jamais havia sentido ao chegar perto de outro homem. Depois de algum tempo Lenita satisfez seu desejo com Barbosa, e assim foi passando o tempo e Lenita e Barbosa se divertindo felizes, até o momento em que Barbosa foi fazer um de seus estudos científicos, Lenita descobriu que estava grávida.

Quando foi dar a notícia para Barbosa, o mesmo já não estava mais no quarto. Deparando-se com cartas de algumas mulheres, desesperada tomou uma decisão e rapidamente colocou em prática, abandonando a fazenda para sempre. Quando Barbosa chegou entrou em desespero por não ter encontrado sua amada, ficou sempre à espera de uma carta, semanas depois apareceu a carta de Lenita, explicando que o filho que estava esperando era dele e a melhor decisão que poderia ter tomado era a de ir embora e casar-se com um de seus parentes. Pois Lenita achou que a única solução era procurar um pai para seu filho e ter nome digno diante da sociedade. Então Lenita escreveu uma carta para Barbosa explicando porque foi embora. Podemos ver na passagem do trecho abaixo:

Preciso de um pai oficial para nosso filho.
Se tu fosses livre, fazíamos nossas núpcias na igreja, e tudo estava pronto.
Mas tu és casado, e a lei do divórcio, aqui no Brasil, não permite novo enlace: tive de procurar outro.
“Tive de procurar” é um modo de dizer: o outro deparou-se-me, ofereceu-se-me; eu me limitei a aceitá-lo e ainda impus-lhe condições (RIBEIRO, 1984, p. 174).

Barbosa solitário e desesperado, inconformado com a traição se trancou no quarto e aplicou uma injeção de curare⁶ na veia do braço que lhe ocasionou a morte.

Então, tudo o que havia acontecido entre Lenita e Barbosa era mais um desejo satisfeito e um fruto consequente de uma espécie. A criação do sentimento de traição que não existiu até o momento em que estavam na fazenda, acarretou a fuga de Lenita e a morte de Barbosa; sendo assim, com a saída de Lenita da fazenda optou-se pelo processo de regeneração atribuída para mulheres na época, dedicando-se a ser mãe e esposa. Pois Verona (2008) acredita que, no leito conjugal, Lenita possa restabelecer-se de sua 'bruteza animal', do desregramento de seus sentidos.

Portanto Júlio Ribeiro mostra, que apesar de várias críticas relacionadas à obra "*A Carne*", a sociedade não impediu que as mulheres pudessem sentir desejo sexual. Pois tanto Lenita como várias mulheres da época não conseguiam controlar os desejos carnis, e deixavam ser levadas pelos instintos femininos.

3 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Este trabalho teve como objetivo analisar as marcas do histerismo da personagem Lenita no romance "*A Carne*" de Júlio Ribeiro. Considerado naturalista o autor apresenta a realidade feminina diante da sociedade. Considerada apenas como uma figura doméstica, a mulher do referido século era responsável pelos cuidados dos filhos, do marido e da casa. A sociedade impediu várias mulheres expressarem os próprios sentimentos diante da sociedade, o que ocasionou alterações no sistema nervoso, resultando casos históricos.

Podemos afirmar que Lenita é uma personagem histórica, que apresenta em vários episódios do livro os desejos incontroláveis; em grande parte, as cenas sexuais são construídas na mente, vivendo grande parte da vida no mundo de sonhos prazerosos. Para Lenita, a cura histórica da mulher não está no casamento como muitos estudiosos argumentavam, mas no pensamento. A referida personagem, através da aprendizagem que construiu com o pai, adquiriu

⁶ Curara é um nome comum a vários compostos orgânicos venenosos conhecidos como venenos de flecha, extraídos de plantas da América do Sul. Possuem intensa e letal ação paralisante, embora sejam utilizados medicinalmente como relaxante muscular ou anestésico. Fonte: <[http:// pt.Wikipédia.org/wik/curare](http://pt.Wikipédia.org/wik/curare).

entendimento sobre a histeria e as causas das reações, havendo a luta do equilíbrio entre a mente e as necessidades do corpo.

O histerismo foi fonte de estudo de Breuer e Freud (1893), os quais argumentam que, através de métodos e experiências com diversas pacientes, puderam constatar que a doença é causada na maioria das vezes devido algum trauma ocorrido na vida do indivíduo. A histeria da personagem apresentou-se devido à perda do pai, resultando no trauma da solidão, ou seja, em se ver solitária.

Temos como foco principal em analisar marcas do histerismo da personagem Lenita representada na ficção brasileira no romance "*A Carne*" do naturalista Júlio Ribeiro, o qual disponibiliza a realidade dos problemas da sociedade oitocentista em detalhes minuciosos, como a sexualidade, a histeria, o divórcio e o novo papel da mulher, Conquistado no período da proclamação da República no Brasil.

FEMALE SEXUALITY IN THE NINETEENTH CENTURY: THE CASE OF ROMANCE HYSTERIA REPRESENTED IN "*A Carne*" DE JÚLIO RIBEIRO

ABSTRACT

The main objective of this paper is to analyze sexuality and the female hysteria depicted in the book "*A Carne*" by Júlio Ribeiro, which was based on themes of time as sexuality, divorce, hysteria and the new role of women. The author caused several controversies, because the bold behavior of the character Lenita to show the struggle between the hysterical reactions to the mind. Being a naturalist novel, reality shows and the transformation of Brazilian society in minute detail. Critically, the author describes a broad and real vision of society in the nineteenth century, influenced by the patriarchal model, and constructing the female image as a weak and submissive to be the opposite sex. In this sense, it is evident the male sovereignty, which were considered rational beings and head of the family. This work was based on a methodological approach, bibliographic nature, especially focusing on concepts of: Mary Del Priore (2004), Samara (1997), Alves (1985), Moraes (1971), Candido & Castello (1985) Verona (2008), among others.

KEYWORDS: hysteria. Sexuality. Feminine image.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

ALVES, Branca Moreira & PITANGUY, Jacqueline. **O que é feminismo**. São Paulo: Abril cultural: Brasiliense, 1985.

AURÉLIO. Novo dicionário de **língua portuguesa**. 3 edição, positivo, 2004.

BEAUVOIR, Simone de. O segundo sexo. V. 2. Tradução de Sérgio Milliet. São Paulo: Difusão Européia do Livro, 1967.

BREUER & FREUD, Josef e Sigmund. **Estudos sobre Histeria**. Volume II, 1893.

BUTLER, Judith P. **Problemas de Gênero: Feminismo e subversão da identidade**; tradução Renato Aguiar. Rio de Janeiro: civilização Brasileira, 2003.

CANDIDO, Antonio & CASTELLO, J. Aderaldo. **Presença da literatura brasileira: História e antologia**. São Paulo: DIFEL, 1985.

CASAGRANDE, Carla. **A mulher sob custódia**. In: KLAPISH-ZUBER, Cristiane (Dir.). **História das mulheres no ocidente: a Idade Média**. Tradução de Ana Losa Ramalho ET AL. Porto: Afrontamento, 1990. V. II.

DURIGAN, Jesus Antônio. **Erotismo e literatura**. São Paulo: Ática, 1985.

ENGEL, Magali. **Psiquiatria e feminilidade**. In: PRIORE, Mary Del (org). **História das mulheres no Brasil**.:7. Ed. São Paulo: contexto, 2004.

SCHMITT-PANTEL, Pauline. **A criação da mulher: um artil para a história das mulheres?**.In:MATOS, Maria Izilda S. de Matos & SOIHET, Rachel (org.) **O corpo feminino em debate**. São Paulo: UNESP, 2003.

MORAES, Santos. **Heroínas do romance brasileiro**. Rio de Janeiro: Expressão e cultura, 1971.

PINTO, Céli Regina Jardim. **Uma história do feminismo no Brasil**. São Paulo: Editora Fundação Perseu Abramo, 2003.

RIBEIRO, Julio. **A carne**. São Paulo: Três livros e Fascículos, 1984.

SOIHET, Rachel. **Enfoques feministas e a história: Desafiose perspectiva**. In: SAMARA, E.M, SOIHET, R; MATOS, M. I. S. **Gênero em Debate**. In: São Paulo; Educ, 1997.

SOIHET, Rachel. **Mulheres pobres e violência no Brasil urbano**. In: PRIORE, Mary Del (Org). **História das mulheres no Brasil**. 7. Ed. São Paulo: contexto, 2004.

VERONA, Elisa Maria. **O romance, a mulher e o histerismo no século XIX brasileiro**. In: Revista eletrônica do arquivo do estado. Edição número 32, agosto de 2008. Disponível em: <<http://WWW.historica.arquivoestado.sp.gov.br/matérias/anteriores/edicao32/materia06>> acessado em 13/04/2014.

VERÍSSIMO, José. **História da Literatura Brasileira**. Rio de Janeiro: Record, 1998.

<[http://www. Significadosdenomespropios.com.br/](http://www.Significadosdenomespropios.com.br/)> acesso em 03 de Novembro de 2014.

<[http://pt. wikipedia.org/wik/curare/](http://pt.wikipedia.org/wik/curare/)>.acesso em 08 de novembro de 2014.

.